



*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
***** EDITOR *****
João Carlos

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talhadas — Lisboa • Telefone: 2

QUEM SÃO OS AGITADORES

Não compreendendo ou simulando não compreender as causas das greves que, de quando em quando, convulsionam a vida económica do país, os órgãos defensores da actual ordem social apresentam esses movimentos perante a opinião pública—sempre crédula, a despeito dos inúmeros logros de que tem sido vítima—como o fruto de condenáveis manobras de agitadores profissionais que no seio dos agrupamentos proletários se abrigam para levar à prática propósitos obscuros. Inúmeras vezes, indignados com tais acusações, temos repellido com altivez o labeu de agitadores profissionais, mas como já o célebre jesuíta António Vieira dizia que da calúnia sempre alguma coisa fica, os inimigos dos trabalhadores persistem na sua campanha de descrédito, apesar de não terem elementos para a alimentar, o que para eles não constitui dificuldade de maior, pois a sua imaginação perversa com abundância lhes fornece.

Pois bem. Na realidade existem agitadores profissionais, mas eles não se encontram entre as classes proletárias. O operariado não se lança na greve por prazer. Ela só estala quando todos os meios suaves estão esgotados, quando outro recurso não resta, porque a greve representa muitos dias de fome, o orçamento doméstico ainda mais desequilibrado, quando não origina o despejamento motivado por vingança do patrão. Como acreditar, pois, que devido aos propósitos desordenados de agitadores, classes numerosas se lancem, em bloco, em movimentos tão graves? Como acreditar que, sem existirem motivos muito sérios, um número de greves maior que o habitual, tenha agitado, desde o início da conflagração mundial, não só o proletariado português, mas ainda o de todo o universo?

Não pode haver nenhuma criação sincera e de espírito imparcial, que atribua movimentos tão sérios e de tal extensão, aos maneios de fictícios agitadores operários. Não tem as classes operárias reclamado desde então, mais que o necessário para assegurar a sua subsistência e a dos seus, em face da vida cara e difícil, devido às manobras reprováveis de açambarcadores de toda a espécie, que, a pretexto das consequências da guerra, tem explorado de uma forma revoltante o povo trabalhador. E esses é que são os verdadeiros agitadores profissionais.

Os espíritos simplistas julgam vê-los nos operários que, cónscios dos seus direitos, exortam os seus camaradas a organizar-se. Mas quem um pouco aprofunda as causas do mal-estar social, vê claramente que são os açambarcadores que, sem tropos revolucionários nem negras lavabères, originam o recrudescer da luta de classes.

E é natural que assim suceda, que de pronto se não dê com os autênticos agitadores profissionais, porque poucos desconfiarão do mercador gordo e bonacheirão que vende os seus géneros a preços exagerados e açambarca artigos de largo consumo, a fim de causar a falta no mercado e, consequentemente, um sensível aumento de lucros. Se não se desconfia do mercador—e quem diz o mercador, diz todos os comerciantes que idénticos processos empregam—muito menos se pode desconfiar de um director duma companhia de panificação, de caminhos de ferro, de transportes marítimos ou de seguros, criatura que parece digna e credora da consideração geral, e em que ninguém vê o causador do pão ser repugnante e caro ou dos géneros continuarem com preços elevados devido ao aumento das taxas da viação terrestre ou marítima e aos exagerados prémios que as companhias resseguradoras durante a guerra exigiram.

E, todavia, são esses os agitadores profissionais, que nem todos vêem; uns porque não analisam detidamente os factores dos fenómenos sociais, outros porque

não lhes convém vê-los, quando não se empenham na defesa desses agitadores. São eles que fazem a fome e originam as greves criando um ambiente favorável a todos os extremismos; e deviam ser perseguidos pelos homens do Poder, com a energia que estes facilmente tem para com o operariado, se entre eles e os políticos não houvesse estreitas relações, de tal forma estreitas que quasi se confundem. Assim, fazem o que muito bem lhes aprez, a coberto da máxima impunidade, fazendo crer à opinião pública que os operários descem à rua, coléricos e irados, devido aos maneios de agitadores que entre eles existem.

Quem são os agitadores profissionais já acabámos de o demonstrar, apontando ao proletariado como causadores dos seus males—males que o obrigam a lançar mão da arma de dois gumes que é a greve—os potentados do Comércio, da Lavoura e da Indústria, que, muito tranquilamente, do balcão, do escritório ou da propriedade rural, desencadeiam um vento forte de desordem sobre a sociedade portuguesa.

Há ainda outra classe de agitadores categorizados. São os políticos que se tem sucedido no Poder, vindos de origem desconhecida e que a ele foram guindados pelo acaso de uma revolução. Com as suas violências escusadas e os seus métodos de repressão, lançam a agitação entre o proletariado, agitando-o a defender-se energicamente. Forjadores, ainda na véspera, de movimentos insurreccionais, mal empunham as rédeas da governança pública, censuram asperamente o operariado que se agita, que se revolta, não aceitando de bom grado a exploração de que é vítima e que, numa sagrada rebeldia, reivindica ativamente os seus direitos postergados.

E agora, que aos nossos leitores dissemos quem são os agitadores, resta-nos afirmar muito categoricamente que as classes operárias não consentem no seu seio indivíduos que, dizendo-se seus defensores e propugnadores dos seus direitos, à custa das suas despesas e das suas dores se mantêm. Os camaradas que nos organismos sindicais lutam com dedicação, são dignos da consideração de todo o operariado, porque sacrificam, em geral, as suas conveniências pessoais aos interesses colectivos. Não são agitadores profissionais; simplesmente desejam que a organização dos trabalhadores se consolide e alargue, robustecendo-se e conquistando para todas as classes proletárias a maior soma de bem-estar possível.

Tratado da paz

A Alemanha não respondeu ainda aos seus preliminares

PARIS, 18.—Ainda não está publicado o texto completo do tratado de paz com a Alemanha.

A resposta da Alemanha sobre os preliminares também não é ainda conhecida, bem como se ignoram os termos da nota relativa à exploração da bacia carbonífera do Sarre.—H.

Um deputado francês que discorda da crítica ao tratado feita pelos seus colegas das direitas

PARIS, 20.—Em consequência da resolução tomada pelo grupo das direitas da câmara dos deputados de entregar ao sr. Clemenceau uma nota, criticando o tratado de paz, o sr. Denis Cochin, que faz parte desse grupo, tomou a resolução de se demitir, escrevendo ao Temps uma carta em que diz que o tratado deve ser assinado tal qual está, visto ser digno da França tanto pela sua generosidade como pela sua justiça. Uma vez assinado, os aliados terão então tempo para discutirem entre si as questões que dizem respeito a cada um deles.—H.

Conferência inter-parlamentar do comércio

BRUXELAS, 18.—As delegações francesa, sérvica, helenica, portuguesa, romena, polaca, tcheco-eslovaca chegaram para assistir à conferência inter-parlamentar do comércio e foram recebidas pelos ministros de França, Portugal e numerosas personalidades.—H.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Pedindo albarda

A respeito da nota com esta epígrafe, aqui publicada anteontem, foram-nos enviados dois comunicados e contraditórios. Dar publicidade a ambos, sem faz-los acompanhar duma conclusão em que a verdade ficasse claramente expressa, orientando assim os leitores, afigura-se-nos pouco conveniente. Daí, o procurarmos averiguar primeiramente qual tem sido a conduta do pessoal da Nova Companhia Nacional de Moagens, aquele pessoal que, segundo afirmação de muitos camaradas nossos, pediria, por meio de abaixo assinado, as 11 horas de trabalho diário.

Lucros

Acostumou-se o respeitável comércio, durante a guerra, a arrecadar lucros fabulosos, lucros de fazer benzer-se três vezes até um saltador. Houve quem fizesse, em poucos meses, fortunas morgueiras, só com comprar e vender artigos, em cujo negócio se ganhavam dantes modestas percentagens, todavia remuneradoras. Terminou a guerra, e se bem que alguns géneros possa já estabelecer-se a abundância, não baixam os preços. E' que o respeitável comércio não se limita aos lucros doutro-ra, quando é certo que, conservando as percentagens de antes da guerra, ganharia já hoje muito mais nas transacções, dada já a alta de todas as coisas. Quem, por exemplo, nos tempos saudáveis, vendesse um par de botas por 350, ganhando dez por cento, arrecadaria 35 centavos. O mesmo par de botas, custando hoje 10500 ou mais, daria já ao vendedor um escudo, se este quizesse conservar o antigo ganho de dez por cento. Mas não quer. Tudo o que não for 40, 50 ou 100 por cento de lucro não é nada actualmente para o respeitável comércio. Compreende-se bem quanto esta ganância desenfreada contribua para a carestia da vida. Remédios para este mal, já foi proposto um, se bem que contra a sua eficácia muita coisa tenha sido apresentada. Reimemo-nos às cooperativas de consumo.

Não tem estas instituições provado bem em Portugal, mas talvez a culpa seja menos delas que da maneira por que as tem posto em prática. E talvez que os defeitos atribuídos ao cooperativismo tenham sido exagerados. Talvez. Mas o certo é que nenhuma ocasião surgiu ainda, mais propícia do que esta, para estudar-se o assunto sem parti-pris, e entrar no caminho das realizações, dado que estas se afiguram convenientes.

Para que serve, aliás, recordar o passado? O que é preciso é viver e portanto examinar as consequências deste acto sob o ponto de vista cooperativo, artístico e social.

Que pede a corporação?—pois contém que o saiba o público—se marchamos agora com a classe operária, não é porque sejamos apenas arrastados por alguns militantes, mas porque a gente do teatro amparou com os seus ardentes votos o esforço dos mais previdentes.

A corporação pede uma vida material possível e decente.

Entre os homens de teatro que, em 30 de Abril, acclamaram na Bolsa do Trabalho, a criação dum sindicato cegista, entre os que ontem o fundaram, há pessoas de todas as cores políticas.

E demais, como nos disse o presidente da Federação cegista do Sena, Leffevre, não se trata de fundar um sindicato.

Um político

Tem sido muito falado nas gazetas, nos últimos dias, o chefe unionista, que parece decidido a voltar costas à política e aos políticos, buscando a tranquilidade nas pátrias regiões alentejanas. Os políticos não deixam, em geral, saudades, quando à privação se recolhem, mas é certo que o sr. Brito Camacho, possuindo os predicados, não frequentes na sua classe, de saber ler e escrever, era uma curiosa figura com que já por essas ruas nos habituáramos a topa e cuja ausência agora sentiremos. Foi o sr. Brito Camacho médico militar, mas abandonou a clínica, segundo adiventou o falecido general Pimenta de Castro, por amor à vida dos doentes. Depois veio para a actividade da política republicana, com o que nada ganhou o país, e com o que ele próprio teria perdido, que sempre nas andanças da política forçadas são a descompor-se moralmente um tanto as figuras mais dignas. O sr. Brito Camacho foi ministro e fez, enquanto o foi, e mesmo depois de o ser, algumas tolices de mór marca, a lei das greves, por exemplo, vassada em moldes de la Cierwa. Vinha depois o sr. Camacho justificar as tolices que fazia e as que projectava fazer em amenos editoriais de *A Luta*, naquelas seu delicioso estilo, que nem por ser uma espécie de francês traduzido literalmente agradava ao menor grau. Aquas passadas, impetuoso que vai abandonar-nos o impetuoso *blagueur* que foi o sr. Brito Camacho. Abandonou-nos, e se com isso perdemos a esperança de tornar a ler os seus seus famosos, resta-nos a consolidação de sabê-lo em actividade literária, tendo já preparado uma novela rústica, prestes a surgir ali nas livrarias. Oxalá! he seja leve e se clemencie o voluntário exílio, que desse modo ganharia um escritor melhor que muitos, perdendo embora um político tão mau como os outros.

JORNADA DE 8 HORAS

Inscritos Marítimos

A comissão encarregada de fazer com que a doutrina do decreto das 8 horas de trabalho, seja aplicada a esta classe, procurou ontem avisar-se com as autoridades competentes, com o fim de conseguir dessas autoridades o cumprimento daquela lei. Depois de entrevistar o almirante Macedo e Couto, a comissão foi enviada para o sr. Nunes Ribeiro, sendo por este declarado que a questão só poderia ser resolvida pelo primeiro, aconselhando-a a voltar a entrevistar o sr. Macedo e Couto.

Tendo andado duma para outra daquelas entidades, sem resultado, apreciável, suportando uma falta de cortezias, já cansada e pouco disposta a continuar procurando inutilmente avisar-se com outra entidade, foi-lhe respondido que só o ministro do trabalho poderia resolver a questão.

Perante isto, resolveu a comissão convocar uma assembleia da classe, para resolver o caminho a seguir, perante o desprezo a que as entidades superiores votaram a petição da classe.

De um grupo de dedicados amigos de *A Batalha*, que trabalham no Arsenal de Marinha, recebemos a seguinte declaração, com a quantia a que se refere.

Camarada redactor de *"A Batalha"*.—Tendo sido publicado no jornal *Eco do Arsenal*, do dia 1.º de Maio, uma lista da quota tirada para *A Batalha* em todas as oficinas do Arsenal de Marinha, e não tendo a oficina de Carpinteiros de Móveis, Tornos e Polidores, tirado nessa ocasião a respectiva quota, por motivo de estar contribuindo para a saúde de um camarada da oficina, vem hoje, no cumprimento do seu dever, entregar a respectiva importância, cinco escudos e quarenta centavos (540), que aberta nesta oficina.

O teatro na C. G. T.

O que escreve um conhecido actor francês
Como e porque entram os actores
na grande família operária

Deu-se em 6 de Maio, em Paris um acontecimento social de bem maior alcance do que se imagina.

Os artistas dramáticos e líricos dos teatros fundaram, na sala do teatro Antoine, dois sindicatos, um para os actores, outro para os comediantes, ambos aderentes à Federação do Espectáculo e ligados na Confederação Geral do Trabalho.

Porque é que os artistas, até então tão indiferentes à luta social, primeiro por temperamento e depois pelo isolamento em que os mantinha a paixão da sua arte, tomaram tal decisão, após onze dias de reflexão e de discussões tempestuosas mas corteses?

Acostumou-me a examinar os factos sem obedecer à inspiração das minhas aspirações pessoais, nem aos conselhos livrescos dum dogma político ou social qualquer. Habitue-me a encavar a vida.

Após mais de trinta anos de luta com sindicatos e uniões profissionais autónomas, nunca os artistas tinham obtido, apesar da energia dos seus militantes, uma satisfação séria às suas legítimas, timidas e corteses reivindicações.

Hoje, dois factores há que realizaram esta evolução: um material — a vida cara; o outro espiritual — o ardor dos desmobilizados.

Disse-o o nosso caro Huguenet, e disse-o os empresários: "Poram vocês que os levaram para a C. G. T.". Não pintarei de novo o quadro das nossas misérias; seria uma acusação demasiadamente terrível para os exploradores e um processo demasiadamente severo da nossa indiferença e da nossa timidez.

Para que serve, aliás, recordar o passado? O que é preciso é viver e portanto examinar as consequências deste acto sob o ponto de vista cooperativo, artístico e social.

Que pede a corporação?—pois contém que o saiba o público—se marchamos agora com a classe operária, não é porque sejamos apenas arrastados por alguns militantes, mas porque a gente do teatro amparou com os seus ardentes votos o esforço dos mais previdentes.

A corporação pede uma vida material possível e decente.

Entre os homens de teatro que, em 30 de Abril, acclamaram na Bolsa do Trabalho, a criação dum sindicato cegista, entre os que ontem o fundaram, há pessoas de todas as cores políticas.

E demais, como nos disse o presidente da Federação cegista do Sena, Leffevre, não se trata de fundar um sindicato.

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Novas importâncias vem hoje aumentar a soma dos donativos que para desenvolvimento de *A Batalha* os amigos da organização operária e do seu órgão tem trazido à nossa administração.

Esta soma, que já hoje attingiu a importância de mil escudos, vai ser dentro em pouco aumentada sensivelmente com outras ofertas que denotados amigos de *A Batalha* voluntariamente estão angariando.

Também a comissão promotora da festa do Primeiro de Maio está ultimando as suas contas, cujo resultado fará subir consideravelmente o total das municações para *A Batalha*.

Entre as parcelas que hoje registamos figura 50 % do produto do espectáculo que o "Grupo Dramático de Belém" realizou em homenagem a *A Batalha* conforme noticiámos.

No total das ofertas foi incluída indevidamente a quantia de 16834, produto de uma quota que a Associação dos Operários de Oeiras abriu a favor das famílias dos deportados para a África e que, por engano, entregaram a *A Batalha*. Esta importância foi já entregue pela nossa administração a U. O. N.

Temos pois:

Transporte 980554
Menos a importância a que acima nos referimos 16834

50 % do produto líquido do espectáculo do "Grupo Dramático de Belém" 30503

Quota aberta no comício do dia 1.º de Maio em Coimbra 2500

Idem na oficina de carpinteiros de moldes do Arsenal de Marinha 5540

João Delgado, Chaves 530

De uma comissão de serventes do Ministério dos Abastecimentos 550

1.002543

O teatro na C. G. T.

O que escreve um conhecido actor francês
Como e porque entram os actores
na grande família operária

Deu-se em 6 de Maio, em Paris um acontecimento social de bem maior alcance do que se imagina.

Os artistas dramáticos e líricos dos teatros fundaram, na sala do teatro Antoine, dois sindicatos, um para os actores, outro para os comediantes, ambos aderentes à Federação do Espectáculo e ligados na Confederação Geral do Trabalho.

Porque é que os artistas, até então tão indiferentes à luta social, primeiro por temperamento e depois pelo isolamento em que os mantinha a paixão da sua arte, tomaram tal decisão, após onze dias de reflexão e de discussões tempestuosas mas corteses?

Acostumou-me a examinar os factos sem obedecer à inspiração das minhas aspirações pessoais, nem aos conselhos livrescos dum dogma político ou social qualquer. Habitue-me a encavar a vida.

Após mais de trinta anos de luta com sindicatos e uniões profissionais autónomas, nunca os artistas tinham obtido, apesar da energia dos seus militantes, uma satisfação séria às suas legítimas, timidas e corteses reivindicações.

Hoje, dois factores há que realizaram esta evolução: um material — a vida cara; o outro espiritual — o ardor dos desmobilizados.

Disse-o o nosso caro Huguenet, e disse-o os empresários: "Poram vocês que os levaram para a C. G. T.". Não pintarei de novo o quadro das nossas misérias; seria uma acusação demasiadamente terrível para os exploradores e um processo demasiadamente severo da nossa indiferença e da nossa timidez.

Para que serve, aliás, recordar o passado? O que é preciso é viver e portanto examinar as consequências deste acto sob o ponto de vista cooperativo, artístico e social.

Que pede a corporação?—pois contém que o saiba o público—se marchamos agora com a classe operária, não é porque sejamos apenas arrastados por alguns militantes, mas porque a gente do teatro amparou com os seus ardentes votos o esforço dos mais previdentes.

A corporação pede uma vida material possível e decente.

Entre os homens de teatro que, em 30 de Abril, acclamaram na Bolsa do Trabalho, a criação dum sindicato cegista, entre os que ontem o fundaram, há pessoas de todas as cores políticas.

E demais, como nos disse o presidente da Federação cegista do Sena, Leffevre, não se trata de fundar um sindicato.

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Novas importâncias vem hoje aumentar a soma dos donativos que para desenvolvimento de *A Batalha* os amigos da organização operária e do seu órgão tem trazido à nossa administração.

Esta soma, que já hoje attingiu a importância de mil escudos, vai ser dentro em pouco aumentada sensivelmente com outras ofertas que denotados amigos de *A Batalha* voluntariamente estão angariando.

Também a comissão promotora da festa do Primeiro de Maio está ultimando as suas contas, cujo resultado fará subir consideravelmente o total das municações para *A Batalha*.

Entre as parcelas que hoje registamos figura 50 % do produto do espectáculo que o "Grupo Dramático de Belém" realizou em homenagem a *A Batalha* conforme noticiámos.

No total das ofertas foi incluída indevidamente a quantia de 16834, produto de uma quota que a Associação dos Operários de Oeiras abriu a favor das famílias dos deportados para a África e que, por engano, entregaram a *A Batalha*. Esta importância foi já entregue pela nossa administração a U. O. N.

Temos pois:

Transporte 980554
Menos a importância a que acima nos referimos 16834

50 % do produto líquido do espectáculo do "Grupo Dramático de Belém" 30503

Quota aberta no comício do dia 1.º de Maio em Coimbra 2500

Idem na oficina de carpinteiros de moldes do Arsenal de Marinha 5540

João Delgado, Chaves 530

De uma comissão de serventes do Ministério dos Abastecimentos 550

1.002543

O Pão Nosso...

O que escreve um conhecido actor francês
Como e porque entram os actores
na grande família operária

Deu-se em 6 de Maio, em Paris um acontecimento social de bem maior alcance do que se imagina.

Os artistas dramáticos e líricos dos teatros fundaram, na sala do teatro Antoine, dois sindicatos, um para os actores, outro para os comediantes, ambos aderentes à Federação do Espectáculo e ligados na Confederação Geral do Trabalho.

Porque é que os artistas, até então tão indiferentes à luta social, primeiro por temperamento e depois pelo isolamento em que os mantinha a paixão da sua arte, tomaram tal decisão, após onze dias de reflexão e de discussões tempestuosas mas corteses?

Acostumou-me a examinar os factos sem obedecer à inspiração das minhas aspirações pessoais, nem aos conselhos livrescos dum dogma político ou social qualquer. Habitue-me a encavar a vida.

Após mais de trinta anos de luta com sindicatos e uniões profissionais autónomas, nunca os artistas tinham obtido, apesar da energia dos seus militantes, uma satisfação séria às suas legítimas, timidas e corteses reivindicações.

Hoje, dois factores há que realizaram esta evolução: um material — a vida cara; o outro espiritual — o ardor dos desmobilizados.

Disse-o o nosso caro Huguenet, e disse-o os empresários: "Poram vocês que os levaram para a C. G. T.". Não pintarei de novo o quadro das nossas misérias; seria uma acusação demasiadamente terrível para os exploradores e um processo demasiadamente severo da nossa indiferença e da nossa timidez.

Para que serve, aliás, recordar o passado? O que é preciso é viver e portanto examinar as consequências deste acto sob o ponto de vista cooperativo, artístico e social.

Que pede a corporação?—pois contém que o saiba o público—se marchamos agora com a classe operária, não é porque sejamos apenas arrastados por alguns militantes, mas porque a gente do teatro amparou com os seus ardentes votos o esforço dos mais previdentes.

A corporação pede uma vida material possível e decente.

Entre os homens de teatro que, em 30 de Abril, acclamaram na Bolsa do Trabalho, a criação dum sindicato cegista, entre os que ontem o fundaram, há pessoas de todas as cores políticas.

E demais, como nos disse o presidente da Federação cegista do Sena, Leffevre, não se trata de fundar um sindicato.

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Novas importâncias vem hoje aumentar a soma dos donativos que para desenvolvimento de *A Batalha* os amigos da organização operária e do seu órgão tem trazido à nossa administração.

Esta soma, que já hoje attingiu a importância de mil escudos, vai ser dentro em pouco aumentada sensivelmente com outras ofertas que denotados amigos de *A Batalha* voluntariamente estão angariando.

Também a comissão promotora da festa do Primeiro de Maio está ultimando as suas contas, cujo resultado fará subir consideravelmente o total das municações para *A Batalha*.

Entre as parcelas que hoje registamos figura 50 % do produto do espectáculo que o "Grupo Dramático de Belém" realizou em homenagem a *A Batalha* conforme noticiámos.

No total das ofertas foi incluída indevidamente a quantia de 16834, produto de uma quota que a Associação dos Operários de Oeiras abriu a favor das famílias dos deportados para a África e que, por engano, entregaram a *A Batalha*. Esta importância foi já entregue pela nossa administração a U. O. N.

Temos pois:

Transporte 980554
Menos a importância a que acima nos referimos 16834

50 % do produto líquido do espectáculo do "Grupo Dramático de Belém" 30503

Quota aberta no comício do dia 1.º de Maio em Coimbra 2500

Idem na oficina de carpinteiros de moldes do Arsenal de Marinha 5540

João Delgado, Chaves 530

De uma comissão de serventes do Ministério dos Abastecimentos 550

1.002543

O Pão Nosso...

O que escreve um conhecido actor francês
Como e porque entram os actores
na grande família operária

Deu-se em 6 de Maio, em Paris um acontecimento social de bem maior alcance do que se imagina.

Os artistas dramáticos e líricos dos teatros fundaram, na sala do teatro Antoine, dois sindicatos, um para os actores, outro para os comediantes, ambos aderentes à Federação do Espectáculo e ligados na Confederação Geral do Trabalho.

Porque é que os artistas, até então tão indiferentes à luta social, primeiro por temperamento e depois pelo isolamento em que os mantinha a paixão da sua arte, tomaram tal decisão, após onze dias de reflexão e de discussões tempestuosas mas corteses?

Acostumou-me a examinar os factos sem obedecer à inspiração das minhas aspirações pessoais, nem aos conselhos livrescos dum dogma político ou social qualquer. Habitue-me a encavar a vida.

Após mais de trinta anos de luta com sindicatos e uniões profissionais autónomas, nunca os artistas tinham obtido, apesar da energia dos seus militantes, uma satisfação séria às suas legítimas, timidas e corteses reivindicações.

Hoje, dois factores há que realizaram esta evolução: um material — a vida cara; o outro espiritual — o ardor dos desmobilizados.

Disse-o o nosso caro Huguenet, e disse-o os empresários: "Poram vocês que os levaram para a C. G. T.". Não pintarei de novo o quadro das nossas misérias; seria uma acusação demasiadamente terrível para os exploradores e um processo demasiadamente severo da nossa indiferença e da nossa timidez.

Para que serve, aliás, recordar o passado? O que é preciso é viver e portanto examinar as consequências deste acto sob o ponto de vista cooperativo, artístico e social.

Que pede a corporação?—pois contém que o saiba o público—se marchamos agora com a classe operária, não é porque sejamos apenas arrastados por alguns militantes, mas porque a gente do teatro amparou com os seus ardentes votos o esforço dos mais previdentes.

A corporação pede uma vida material possível e decente.

Entre os homens de teatro que, em 30 de Abril, acclamaram na Bolsa do Trabalho, a criação dum sindicato cegista, entre os que ontem o fundaram, há pessoas de todas as cores políticas.

E demais, como nos disse o presidente da Federação cegista do Sena, Leffevre, não se trata de fundar um sindicato.

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Novas importâncias vem hoje aumentar a soma dos donativos que para desenvolvimento de *A Batalha</*

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artística fundição tipográfica de Portugal

Director-proprietário
L. Sini.

OURO

Mais barato e só pelo peso

NÃO SE PAGA FEITIO
Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões, Alfinetes para gravata e mais artigos que se vendem pelo peso.

Vende só

A Ourivesaria
do Barateiro Pimenta
RUA DA PALMA, 2

Tinturaria a Vapor

María d'Assunção Silva Branco
45, Calçada do Carmo, 47
TELEFONE 2019

TINGE em todas as cores e lava toda a qualidade de fazendas, seda, lã, algodão em fio, roupas de senhora e fatos de homem, feltos e desmanchados, pelotinas, capas de borracha, reposteiros, peles, filizes e tapetes.

Dégraissage à sec

CLINICA DENTARIA

Tratamentos de doenças da boca e extração de dentes absolutamente sem dor. Colocação de dentes artificiais pelo sistema americano (sem placa).

Extração gratuita de dentes sem dor à classe operária, às terças e quintas feiras das 9 às 11. Tratamento a prestações, com 10% de abatimento; sendo 10% para a Batalha e 10% para o cliente.

BARROS MARINHAS

Rua da Assunção, 25, 3.º

FÓSFOROS

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que os preços dos fósforos foram alterados nos termos do Acórdão do Tribunal Arbitral, publicado no Diário do Governo n.º 118, 2.ª série, de 12 de Maio de 1918, mantendo-se o desconto legal de 10%, seja qual for o número de grossas pedidas.

Os pedidos devem ser dirigidos directamente:
No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ribes Macedo & Borges, S.ªs

67, Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO
No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, n.º 139 — LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

Sede na sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa

Fundada em 17-4-1902 — Reserva 500.000\$00

Seguros sobre a vida humana

E CONTRA

Acidentes no trabalho, incêndios, roubo

e riscos de transporte

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

Armazens de Calçado

do Socorro L.ª

157 Rua da Palma 159

(em frente do Teatro Apolo)

Telefone C. 3259

Calçado barato e de luxo

O calçado mais barato de Lisboa

Encaminha para África e Províncias contra reembolso

(92)

Optimo café

Torrado ou moído

LOTE ESPECIAL DA NOSSA CASA

(102)

Quilo 1\$20

Rua Garrett, 13 a 23

Jerónimo Martins & Filho

(92)

OLEOS

e massas consistentes

para lubrificação de máquinas

de todos os sistemas Oleos espe-

ciais para automóveis e maqui-

nas marítimas, industriais e agrícolas

American Oil Corporation

Representantes exclusivos e depositários

Costa & Ribeiro, Ltd.ª

Lisboa — R. Vasco da Gama, 58

Porto — Largo dos Loios, 59

TELEFONE C-2654

Consultas e laboratório

para análises

(10)

COLLARES

Viuva Gomes,

TELEP. 1644-C

Rua Nova da Trindade, 90

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

(10)

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Cura de pessoas de todo o mundo. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Preço: 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rua do-chão, direito, à Estrela.

NUTROGENOL

O melhor tónico e gerador de nutrição, empregado com resultados na Anémia, tuberculose, linfatismo e neurastenia.

FARMACIA OLIVEIRA L.ª da Prata 238 240

Banco Português e Brasileiro

SÉDE

Rua Augusta, 34 — Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL:
Esc. 3.500.000\$00

RESERVAS:
Esc. 1.405.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo
em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as
principais praças do mundo

Operações bancárias
de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

Cura das Terpidas

Seja qual for a causa

de uma doença de

seja qual for a causa

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

de uma doença de

Serralharia Artística

DE

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem

de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

(18)

Pedras para isqueiro

A verdadeira pedra metal AUER

encontra-se à venda na Haverne do

Conde Barão, Largo do Conde Barão,

55. (Defronte do Kiosque). Todos os

operários se devem habilitar nesta

feliz casa para a próxima loteria. Che-

gou nova remessa de pedras quadradas.

22, Lisboa.

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

(17)

A BATALHA

vende-se em to-

das as tabacarias

Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses

Sociedade anónima—

Estados de 30 de

Novembro de 1894

Éditos de 30 dias

A contar da publica-

ção do presente anún-

ciário correm editos de

30 dias para se habilitar

junto da Companhia dos Caminhos

de Ferro Portugueses

os herdeiros do falecido

agente reformado

António Joaquim

Rosa, ex-encarregado

dos trabalhos de

Regratamento da

Divisão de Material e

Tração à pensão por

é legada como pen-

sionista da Caixa de

Reformas e Pensões

da referida Companhia

dos Caminhos de Ferro

Portugueses

Portugueses